

# cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Março 2013 – Nº 244

## A “syphilis” na cidade de São Paulo (nas últimas décadas do século XIX)

Nelson Di Francesco

Eu pesquisava quais médicos haviam contribuído, de alguma forma, para o surgimento da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (hoje Academia de Medicina de São Paulo), seja participando das reuniões preparatórias (fevereiro de 1895), ou do banquete oferecido ao ilustre Dr. Luiz Pereira Barreto (07-03-1895), ou ainda da inauguração da “Polyclínica” (ocorrida em 07-03-1896). Verifiquei quase uma centena de nomes de doutores — alguns estrangeiros — que praticamente compunham a “nata” da sociedade médica paulistana, e um fato começou a chamar minha atenção, não de médico, porém de pesquisador.

A existência de muitos médicos, instalados na cidade de São Paulo, tratando da “syphilis”, moléstias da pele e das vias urinárias, além das farmácias que vendiam produtos tidos como antissifilíticos e depuradores do sangue. Obviamente, a grande maioria era ineficaz. Originalmente, não havia nenhum tratamento efetivo contra a “syphilis”; entretanto, tudo tem um começo. A crítica não pode ultrapassar limites, muito menos desconsiderar o lado histórico. Atualmente, temos até a robótica auxiliando em cirurgias complexas, porém, naqueles tempos...

Sífilis: doença infecciosa que afeta unicamente o ser humano. É transmitida na maioria das vezes por contato sexual, porém pode ser transmitida da mãe para o feto (sífilis congênita). Causada por uma bactéria espiroqueta chamada *Treponema pallidum*.

Tudo isso fartamente documentado nos anúncios dos jornais que circulavam à época, principalmente: em *A Província de São Paulo* (hoje *O Estado de S. Paulo*) e no *Correio*

*Paulistano* — vide reproduções a seguir, onde mantive a grafia original.

### SYPHILIS

Adquirida ou hereditária, em todos os periodos, accidentes secundarios e terciarios que resultão d'ella: *Ulcerações da boca e da garganta, Gomas, Exostoses, Carie dos ossos, Rheumatismos, Ulceras, Impotencia*, etc, etc. — Scrofula, Vícios do Sangue, Molestias da pelle (*Dartros, Eczemas, Lepra, Herpes*) — Cura certa, rapida e radical pelos celebres **BISCOUTOS DEPURATIVOS** do **D'OLLIVIER**, o mais poderoso *anti-syphilitico*, e receitado ha mais de 60 annos, pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio *no mundo inteiro*. Approvada pela *Academia de Medicina de Paris*; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 francos.

*Deposito geral:* 62, Rua de Rivoli, Faria  
Em São Paulo: MARTINS LEBRE & Cia.  
(*Correio Paulistano*, 15-05-1888)

### Molestias da pelle

Tintura de salsa, caroba e sucupira branca, depurativo vegetal do sangue, approved pela exma-junta de hygiene publica, o melhor purificador do sangue para a cura radical das escrofulas e de todas as molestias provenientes della, como sejam; erupções, borbulhas, sarnas, empingens, dartros, erysipelas, rheumatismos, syphilis e todas as molestias que tiverem sua origem na impureza do sangue; unico deposito na rua da Assembléa n. 93 pharmacia

S. Paulo, Rua Direita n.1  
(*O Estado de S. Paulo*, 23-06-1895)

**Dr. Theodoro Reichert**

medico e operador

Especialidades: molestias de creanças e de senhoras: febres, syphilis, operações de estreitamento da urethra.

Consultorio e residência: rua Bocayuva, 25  
Telephone 882

(O Estado de S. Paulo, 16-08-1896)

**Dr. Vieira de Mello**

Clinico e especialista em molestias da pelle, syphilis e vias urinarias.

Residência Rua Rego Freitas n. 5  
(Vila Buarque)

Consultorio Largo da Sé n.7  
(O Estado de S. Paulo, 21-07-1895)

Clinica especial de syphilis, molestias da pelle e das vias urinarias.

O dr. Esteves de Assis dá consultas da 1 ás 3 da tarde, no POSTO MEDICO, á Rua Florêncio de Abreu, 27, para onde, tambem, devem ser dirigidos todos os chamados. Trata as inflamações da bexiga, sem emprego de sonda.

(O Estado de S. Paulo, 09-08-1896)

O “Elixir de Piraguaia”  
SYPHILIS E MORPHÉA

Licenciado pela Directoria Sanitaria cura radicalmente a Syphilis, morphéa, rheumatismos e molestias da pelle.

Deposito em S. Paulo  
Pharmacia S. João — rua de S. João n. 15  
(O Estado de S. Paulo, 23-06-1895)

**Dr. Viriato Brandão**

Molestias syphiliticas e das vias urinarias tractadas pelos processos mais modernos.

Consultas e operações da 1 ás 3, na rua Quinze de Novembro 28  
Residência Rua da Gloria n. 58  
(O Estado de S. Paulo, 21-07-1895)

Pelo exposto, e a princípio, fica fácil perceber que a população da cidade, principalmente a masculina, atravessava uma longa e penosa época, por causa da “syphilis” e outras doenças venéreas, amplamente disseminadas entre a população.

Uma pesquisa mais detalhada, buscando antigos prontuários médicos da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, da Sociedade Portuguesa de Beneficência e de outros hospitais já existentes à época (1880-1900, para fazer um recorte cronológico em apenas duas décadas), poderá comprovar estatisticamente essa percepção. Relatórios dos atendimentos da então “Polyclinica” também contribuirão, tenho certeza, para essa análise, que por hora deixo inacabada, para instigar outros pesquisadores.

Muito interessante seria a localização de dissertações e teses que abordassem o assunto, envolvendo não apenas as características médicas, mas também as consequências sociais existentes por trás desse grave problema de âmbito mundial ocasionado pelas doenças venéreas, face à inexistência, ainda, da penicilina e de outros medicamentos adequados.

No caso da “syphilis”, mesmo nos anos seguintes, o tratamento era realizado com drogas a base de mercúrio, arsênico, bismuto e iodetos, sendo que o mercúrio causava efeitos colaterais nos enfermos, tornando os tratamentos desconfortáveis e dolorosos.

A partir de 1928, com a descoberta do poder bactericida do fungo *Penicilium notatus*, realizada por Alexander Fleming, esta situação começaria a se modificar. Porém, somente 15 anos depois seria demonstrada a eficácia da penicilina no tratamento da sífilis (cf. Avelleira, João C. R.; Bottino, Giuliana, in: “Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle”. *Anais brasileiros de dermatologia*, 2006; 81(2):111-26).

Os acometidos por estas doenças enfrentariam mais um problema, além das implicações físicas e corporais: a exposição da enfermidade tornava-se um fator de vergonha social, impedindo, por muitas vezes, que o enfermo procurasse auxílio médico, ou nos hospitais. Eles preferiam, primeiramente, procurar farmacêuticos e remédios caseiros para amenizar o sofrimento, na esperança da cura. Só mais tarde, depois de constatarem que não podiam vencer o *mal* que invadira seus corpos, buscavam ajuda especializada.

Os dicionários médicos do período (Chernoviz e Langgaard) eram usados por pessoas comuns, provendo conhe-

cimentos básicos para atendimento curativo na esfera doméstica, ao menos numa etapa preliminar.

Num panorama mais amplo, é preciso lembrar que o pensamento social/científico, muito em voga na segunda metade do século XIX, e baseado nas ideias de degeneração social, abrangia um discurso discriminatório, apresentando como princípios básicos:

- a ideia de que o passado era melhor e o futuro se mostrava como decadente;
- a desigualdade das raças, causada pela mistura de sangue;

- a transmissão hereditária de caracteres morais e físicos (loucura, tendência ao crime, doenças venéreas como a sífilis etc.).

Para mais detalhes sobre o assunto “Degeneração social”, indico o texto de Daniel Oliveira, intitulado *Entre prazeres e doenças: enfermos venéreos na sociedade porto-alegrense de fins do século XIX*, UFRGS, mídia eletrônica, julho 2012.

Juntamente com esse pensamento social, tínhamos um complemento, ou seja: nas três últimas décadas do século XIX, atravessamos um período de grande desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo, marcado pela expansão da lavoura cafeeira, melhoramentos urbanos, libertação dos escravos, chegada de imenso contingente de imigrantes europeus, migração para São Paulo, bem como surto industrial nos anos 1890.

Consequentemente, a população na cidade aumentou, e muito. Os censos demográficos apontam: 31.385 indivíduos para o ano de 1872, 64.934 para o ano de 1890, e 239.820 para o ano de 1900, ou seja, a população foi praticamente multiplicada por oito, em apenas 30 anos!

Esse aumento trouxe para São Paulo muitos imigrantes e recém-libertos, que passaram a viver de subempregos, ou mesmo sem ocupação, e habitando moradias sem infraestrutura (cortiços). A promiscuidade, incluindo a sexual, veio acoplada. Montou-se uma degradação socioeconômica, ou melhor, ela foi ampliada.

Com a expansão do núcleo urbano, pobres e ricos separavam-se cada vez mais.

Essa segregação poderá dar margens a questionamentos, entretanto a considero a principal vertente para o estudo das doenças venéreas.

## Teu Olhar

Ives Gandra da Silva Martins

*p/Ruth*

Eu sinto na caneta minha espada,  
E o campo de batalha no papel,  
A fortaleza segue amuralhada,  
Na mesa de trabalho, qu'ê meu céu.

As curvas e os degraus subo na escada,  
Lutando, nesta Torre de Babel,  
Esgrimo mil palavras na sacada,  
Cavaleiro, que marcha sem bornel.

Tenho o lenço que me lembra da amada,  
Cujo rosto do tempo tem o véu,  
Mostro a lança que vem de uma cruzada,  
Da qual eu escapei sem ser seu réu.

E vejo, no horizonte da alvorada,  
Teu doce olhar, tão doce quanto o mel.

São Paulo, 18/12/2010.

# O Grito não Vingou

Carlos Alberto Pessoa Rosa

Era dobrar a esquina para desdobrar o passado. A vida feita de plissês, cuidadosamente engomada. Dobras sobre dobras, sanfonada, emitindo um acorde silente. Ruídos de interiores barrocos. De acordeom. O fole sopra as lâminas metálicas da palheta. A máquina fotográfica aproxima e afasta a objetiva da chapa fotográfica. Registra. Fixou o homem de cabelos grisalhos, inglesado, óculos de aros arredondados, ao lado de sua mulher, saia lisa até os joelhos e um lenço protegendo a cabeça. Imagens. Máquina alguma registrou o ato na penumbra criada pelo pavio que flutuava em óleo. São noturnas. Momentos táteis que só uma máquina mística registraria em forma de energia. A mulher carregou a culpa de ter mostrado o calcanhar para o vizinho. Foi sombra enclausurada, até a morte. Nenhum Aleijadinho esculpiu as curvas incomuns, originais e excêntricas desse silêncio.

O interno e o externo... O homem que passa na rua não tem nada de fotografia. Ele sua e respira com dificuldade. Verte pavor. Os olhos espiam cada ângulo, janela e porta da cidade. Onde está a saída? Chama a si todos os olhares e desaparece. Entra na primeira porta. O som é o de igreja. Pisar no templo. É preciso muito silêncio para Deus ouvir os pensamentos. A luz indireta vem de orifícios invisíveis. Desliza sobre o marrom-vermelho dos tijolos à vista. É olhar. São sombras, o homem e a mobília. Ouve-se o roçar de metal em madeira. Os olhos do homem pesquisam o peso do ouro. A fome é terrena. Anjos nunca se refletiram em espelhos. São como fantasmas. Também não devem ver as feridas das injustiças. As maçãs do rosto do homem lembram cúpulas, inflexões da miséria. O peso da fome movimenta o ar no estômago. Ouve-se um ruído cavernoso que nada lembra o de um órgão. Soubesse do abditório... Pega ladrão! O grito não vingou. O personagem anônimo e fugitivo tem uma chaga que não cabe em um conto. Transbordaria qualquer moldura, mesmo que usássemos

frases e parágrafos cheios de curvas. Pouco importa. Fizem de conta que não o viram entrar na igreja. Continuaram pelas esquinas da metrópole. Da cúpula da cidade, um festim libidinoso lambe o esperma dos homens. Paro para ver o quadro que o pintor expõe sem receio. Observo as pessoas que passam. Pedras-sabão. A manivela do realejo gira o cilindro denteado. Ninguém atenta à música. O periquito retira um pequeno papel azul da gaveta.

Qual a sina? Basta puxarmos a memória para desdobrar as desoras. Até o fecundado. Desconhecidos, o início e o fim. A mulher que passa deixa a barriga inchada à mostra. O vestido bufante, o rosto inchado e as pernas abertas. Prenhe, cheia de curvas, umbigo retraído, sem janelas. No silêncio, flutua o ovo. Multiplica-se. Criação alguma admite vazios. Das dobraduras orgânicas às circunvoluções do cérebro, nasce a metáfora do criador. Entre ruídos metálicos e homens fantasiados de branco. O hospital com largos corredores, passos frágeis de freiras, pé-direito alto, cúpulas côncavas e tijolos à vista. Alguém toca cravo na capela. O cravo no quarto foi um presente. A criança é um anjo de pé torto no décimo andar do prédio. A mãe, uma madona, observa os pecadores nas ruas. Alguém grita a bala perdida. Sirenes. Carros de polícia e ambulâncias. Gritos e cantos gregorianos. Música profana. Dobras ao infinito. Mallarmé... E agora não há mais do que sombra e silêncio.

---

Carlos Alberto Pessoa Rosa  
*Médico e escritor*

# Formas e Inteligência, QI

Jenner Cruz

Pouco depois de minha formatura, entrei, por concurso público, no Setor Médico do Departamento de Águas e Esgotos (DAE) e, pouco tempo depois, por novo concurso público, tornei-me Chefe da Seção de Serviço Social desse Departamento. Essa Seção compreendia 4 setores: Administrativo, Médico, Odontológico e Social. Eu trabalhava apenas no período da tarde e nossa Seção era subordinada à Divisão do Pessoal, cujo Diretor era advogado.

Aprendi muito com ele, Dr. Cláudio José Santoro, que me inscreveu em vários cursos, de Administração do Pessoal, Problemas Brasileiros, Dinâmica Administrativa, Inglês, Ensino Correto de um Trabalho, Relações Humanas no Trabalho, Técnicas de Chefia, Legislação, Higiene e Segurança Industrial. Porém, o mais importante foi me ensinar a nunca assinar nenhum documento sem ler, além de aulas práticas inesquecíveis sobre como tratar o homem humilde, que muito me ajudaram na formação de meu caráter.

Num desses cursos, um colega de outra empresa resolveu medir o Quociente Intelectual dos participantes, conforme ele aprendera. Tirei uma das notas mais baixas: 74. Fiquei abalado.

Mais tarde, o DAE passou a ser denominado Superintendência de Águas e Esgotos da Capital: nossa Seção ganhou um prédio novo, aparelho de Raios X, eletrocardiograma, sala de ginecologia, sala de fisioterapia, etc.

Quando fui admitido, nossa Seção dava alguns remédios para vermes, para dores e poucos outros. Ampliamos muito o número e a qualidade desses remédios; tínhamos um grande almoxarifado e um encarregado de armazenamento, controle e distribuição das drogas.

Porém, a SABESP foi criada, e meu chefe passou para o Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE). Gagnei uma chefe nova, com atitudes que muito me desagradaram. Fui convidado a trabalhar em tempo integral na SABESP, convite que declinei porque não queria me dedicar apenas a serviços burocráticos; então, saí da SABESP.

Fizemos alguns trabalhos de pesquisa com os trabalhadores. Demonstramos que aqueles que trabalhavam com água suja (esgoto) tinham muito mais reações positivas para leptospirose do que aqueles que trabalhavam com água limpa (água tratada). Quase todos que tinham reações positivas para leptospirose nunca haviam ficado doentes. Provamos que 1.200.000 U de Benzetacil® (penicilina), aplicadas duas vezes por mês, impediam quase sempre o aparecimento de novos casos.

Quando criança, eu aprendera que existiam três formas de inteligência. Como tinha muita facilidade com contas, tirava geralmente nota dez em Matemática. No curso colegial, durante uma aula de Física, o professor havia esquecido como prosseguir num problema. Pedi licença, levantei-me e completei o que o professor não conseguia fazer, sem que nunca tivesse tido conhecimento da matéria. Numa prova de Matemática, somente eu tirei nota dez, resolvendo um problema, que ninguém conseguira, por três modos diferentes. Na admissão para a Faculdade de Medicina, entrei na primeira vez por ter tirado média 9,5 em Física, por ter resolvido os problemas, apesar de ter tido notas baixas em Química e Biologia, sendo que em cada uma caíra uma questão que não estudara no colégio.

Porém, eu sabia que era nulo em Música. No ginásio, como era comportado e aprendia a matéria ministrada, tirava sempre boas notas na disciplina. Mas meu professor tinha montado um coro, para brilhar nas solenidades. Nos ensaios, vendo minha total incapacidade musical, dizia:

— Jenner, por favor, você abre e fecha a boca como se cantasse, mas não emita nenhum som, senão vai estragar meu coro.

Gosto de música simples, facilmente decorável, mas não consigo assistir a apresentações de música clássica, óperas, nem música moderna.





Disponível em: <<http://supercerebro.com.br>>.

Também, embora tentasse, logo descobri que nunca seria um atleta.

A ideia de medir a inteligência é muito antiga, talvez date do século V, na China, mas ganhou força no fim do século XIX e início do século XX.

Em 1905, Alfred Binet e Theodore Simon criaram a Escala de Binet-Simon, utilizada para identificar estudantes que pudessem necessitar de ajuda escolar. Eles, entretanto, informavam que tal escala não permitia a medição da inteligência. Um aluno com nota baixa na escala precisava de maior cuidado de seus professores, mas isso não queria dizer que ele tivesse incapacidade de aprendizado.

O termo QI (Quociente de Inteligência) foi criado em 1912, por Wilhelm Stern, que introduziu também os termos “idade mental” e “idade cronológica”. O QI seria igual à divisão da idade mental pela idade cronológica. Em 1916, Lewis Madison Terman resolveu multiplicar o QI por cem, para eliminar números decimais. Para medir a idade mental, criou um teste, que uma criança poderia terminar em apenas 50 minutos. Ele acreditava que o QI era uma habilidade mental inata, mensurável tanto quanto a altura e o peso. Esse “dote original” seria imutável, não sendo alterado pela

educação, pelo ambiente familiar, nem por outras ocorrências durante a vida.

Sua classificação era a seguinte:

- QI acima de 140 = genialidade;
- entre 121 e 140 = inteligência muito acima da média;
- entre 110 e 120 = inteligência acima da média;
- entre 90 e 109 = inteligência normal;
- entre 80 e 89 = embotamento;
- entre 70 e 79 = limítrofe;
- entre 50 e 69 = raciocínio lento.

Em 1917, ele conseguiu que mais de 1,7 milhão de americanos convocados para a Primeira Grande Guerra fizessem o teste e pretendia que pessoas com pontuações muito baixas, menores que 75, fossem internadas, além de desencorajadas ou proibidas de terem filhos.

Embora ele tivesse opositores, como o jornalista Walter Lippmann, que mostrou que crianças prodígio não costumam ter um desempenho extraordinário na vida adulta, até hoje se mede o QI em muitos lugares e de muitas maneiras.

Passemos para as formas de inteligência.

Hoje, sabemos que as inteligências são múltiplas, divididas em pelo menos oito formas:

- **Linguística ou verbal:** característica de atores, apresentadores, locutores, professores, advogados, etc.
- **Inteligência lógica-matemática:** matemáticos, cientistas, engenheiros, economistas, físicos, etc.
- **Musical:** compositores, artistas, cantores, músicos, etc.
- **Corporal-cinestésica:** atletas, cirurgiões, dançarinos, artesãos, etc.
- **Espacial ou visual:** médicos, navegadores, pintores, arquitetos, etc.
- **Naturalista ecológica:** ambientalistas, arqueólogos, ecologistas, etc.
- **Interpessoal:** pais, religiosos, psicólogos, vendedores, professores, etc.
- **Intrapessoal:** líderes, gurus, conselheiros, mentores, filósofos, etc.

Não sei se tenho outra inteligência significativa além da relacionada à Matemática. Sei que não tenho inteligência musical, nem aquela relativa aos esportes. Aprendi a atender os meus pacientes com muita paciência e dedicação. Gosto de livros e filmes de suspense ou de mistério. Também adoro casos clínicos complicados e ter que empregar minhas habilidades aritméticas para elucidá-los.

Quero deixar bem claro que os seres vivos, e os homens em particular, têm uma ou mais formas de inteligência, com poucas exceções. Quando um homem não tem desenvolvimento da glândula tireoide na vida intrauterina, não desenvolve nenhuma forma de inteligência. Em medicina, é denominado cretino. Infelizmente, essa lesão cerebral é irreversível. Se, por diferentes motivos, ele desenvolve hipotireoidismo na fase adulta, também vai desenvolvendo, lentamente, embotamento cerebral, que, porém, é reversível com o uso, por via oral, do hormônio da tireoide: levotiroxina.

Se o hormônio da tireoide é muito importante no desenvolvimento do cérebro, o fósforo não é. Existe uma síndrome rara, na qual os túbulos renais perdem a capacidade de reter fósforo, provocando níveis baixíssimos de fósforo no sangue, no organismo e nos ossos, provocando fraturas patológicas seguidas, mas sem afetar em nada a inteligência.

Algumas pessoas podem parecer tolas em muitos atos, como o Garrincha, que tive a oportunidade de ver jogando

futebol, em 1962, fazendo três gols, mas que deveria ter altíssima inteligência corporal-cinestésica, para ser o grande campeão que foi.

Segundo a literatura, os maiores gênios da humanidade morreram com dificuldades financeiras ou pobres, bem como algumas crianças, de baixa genialidade na infância, como Albert Einstein, Isaac Stern e Yehudi Menuhin, tornaram-se grandes na idade adulta.

Finalizando, acredito que o QI não é estável. O estudo, as doenças e as diferentes oportunidades da vida podem aumentá-lo, como podem diminuí-lo. É fruto de uma ou de várias formas de inteligência, somadas às oportunidades e também ao temperamento. Uma pessoa pode ser muito egoísta, ou muito altruísta, muito ou pouco ciumenta, orgulhosa, tímida, etc. São traços, alguns inatos, que podem ser alterados pela educação e por ocorrências que aparecem durante a vida.

# Memória e Internet

Luiz Freitag

Nosso cérebro é formado, em estimativa, por mais de 100 bilhões de neurônios, que podem realizar mais de 100 trilhões de conexões ao longo de uma vida avançada.

Com esta afirmação, fica difícil aceitar que as pessoas, conforme envelhecerem, perderão muita memória. Hoje em dia, há excesso de informações simultâneas, o que dificulta a assimilação ou memorização de vários fatos ao mesmo tempo. Devemos ser seletivos em nossas leituras, no uso do computador e na visualização de programas de TV, para que o cérebro possa aproveitar e gravar o que interessa.

Já se tentou explicar que, com o passar dos anos, a memória vai sendo perdida. Os neurocientistas ainda não chegaram a um consenso a partir de qual idade começamos a ficar com menos poder de memória. Alguma verdade já foi aceita quando se comprovou, em 1991, que o cérebro possui uma reserva de células-tronco neurais com a capacidade de crescer e se transformar em neurônios ou outras células do sistema nervoso. A pesquisadora Elisabeth Gould, da Universidade Rockefeller, foi uma das primeiras cientistas a observar que os neurônios nasceriam no hipocampo — região do cérebro relacionada à memória. Essas experiências foram realizadas em ratos adultos. Vários estudos começaram a ser publicados desde outubro de 1999 na Revista *Science*.

No hipocampo, ficam armazenadas as lembranças e assim vai se adquirindo a memorização. Há poucos anos, foi explanada em vários trabalhos científicos, principalmente nos Estados Unidos, uma nova teoria para aumentar a memória. Denominada neuróbica, baseia-se em exercícios cerebrais, como se fossem movimentos para ginástica aeróbica. São movimentos que usam os cinco sentidos do corpo humano

em vez de se basearem em quebra-cabeças, como em outros testes. A neuróbica ajuda a manter um nível de memorização permanente na medida em que a pessoa vai ficando mais velha, conforme afirmam os autores Lawrence C. Katz, professor do Centro Médico da Universidade Duke (Estados Unidos), e Manning Rubin, supervisor de criação em marketing, pioneiros nos estudos sobre neuróbica.

A Internet, por sua vez, pode estar prejudicando a memorização. A facilidade com que se encontram as informações sobre determinados assuntos, certamente faz diminuir o tempo para se pesquisar um trabalho, mas pode determinar alteração nos processos de fixação do conhecimento em nosso cérebro. Essa facilitação, por sua vez, não deixa a pessoa pensar ou, como se diz popularmente, “não deixa puxar pela memória”. Uma pergunta que se faz: “Para que pesquisar tanto se estiver tudo acessível rapidamente no computador?”

A neurocientista Maryanne Wolf, diretora de um Centro de Pesquisa e Linguagem da Universidade Tufts de Boston, informa que: “Livros sempre foram importantes para trabalhar com a imaginação e crescer intelectualmente. Porém, na Internet, passou-se a ler muito rápido, sem análise ou crítica. Isto está fazendo com que o cérebro tenha mais dificuldades para ler com concentração”.

Quem se utilizar muito frequentemente do Twitter, do Facebook ou de outras das chamadas redes sociais, com mensagens recebidas o dia inteiro, incorrerá em distração, provocando um perigo para a memória, conforme consenso entre os neurocientistas.

Luiz Freitag

*Geriatra, Ex-presidente do Clube dos 21 Irmãos Amigos*

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

**Cinemateca:** Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*